

ALA HOSPITALAR DIFERENCIADA: PERSPECTIVAS DE ATENDIMENTO HUMANIZADO AOS INDÍGENAS PARA O TRATAMENTO DA COVID-19 NO HOSPITAL NILTON LINS EM MANAUS/AM.

DIFFERENTIATED HOSPITAL WARD: PERSPECTIVES OF HUMANIZED CARE FOR INDIGENOUS PEOPLE FOR THE TREATMENT OF COVID-19 AT NILTON LINS HOSPITAL IN MANAUS / AM.

Aline dos Santos Pedraça⁴²
Claudenor de Souza Piedade⁴³
Israelson Taveira Batista⁴⁴
Shigeaki Ueki Alves da Paixão⁴⁵
Sidney Raimundo Silva Chalub⁴⁶

RESUMO

Num país tão plural e diversificado pela composição étnica de sua gente, o modo de tratamento dispensado diante de uma situação simples, pode significar o respeito ou a ruptura com a cultura de alguém. A sociedade tende a entrelaçar condições que pressupõe humanizar a todos, num esboço ajustado, desenhado para um padrão. Mas a diversidade cultural, as raízes da construção da sociedade destacam os, potencialmente iguais, diferem na sua forma de vida, nos costumes crenças e outros. Para os indígenas que tem sido impactado pela presença de intrusos que interferem no seu modo de vida, que se apropriam de seus ambientes, riquezas, cultura e vida. A situação imposta que devasta a estrutura de vida dos povos nativos e a perspectiva de serem visto como detentores de direitos a serem resgatados pela história, repõe a ânsia do resgate de sua dignidade, um alento para seus descontinuidades frente às intromissões abruptas, que agridem suas raízes. Neste estudo, que tece algumas considerações à realidade da população indígena do Amazonas, mas diretamente aos indígenas de Manaus e região metropolitana, que discute o projeto de

⁴² Doutoranda em Ciência da Educação pela UNIT Brasil - Universidad del Sol – UNADES. Mestra em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia- PPGSS\UFAM; Engenheira Eletricista - UNINORTE-AM. Bacharela em Serviço Social - UNINILTON LINS-AM. E-mail: Alinepedraca7@gmail.com

⁴³ Mestre em Biotecnologia Pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA; Licenciado em Química e Professor pela Secretaria do Estado da Educação do Amazonas- SEDUC-AM. E-Mil: claubertcaetano@gmail.com

⁴⁴ Médico Clínico-Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Servidor da SUSAM e IMED-AM, Fundador do projeto social Instituto ASAS (amigos da saúde em ação solidária). E-mail: israelsonlaveira@gmail.com

⁴⁵ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA - IFCHS - UFAM. E-mail: shigeakiturismo@hotmail.com

⁴⁶ Doutor em Ciências da Saúde: Terapeuta Cirúrgica. Médico (UFAM), com ênfase em Cirurgia Digestiva, atuando principalmente nos seguintes temas: cirurgia, aparelho digestivo, oncologia, trauma e FCECON. Especialista em Cirurgia Geral HUGV. Especialista em Cirurgia Aparelho Digestivo UFRJ. E-mail: drsichalub@gmail.com

instalação de uma ala do Hospital Nilton Lins para tratamento de pacientes do COVID-19 que pertença a alguma etnia ou povos indígenas. A metodologia aplicada tem caráter documental, englobando elementos da história, entrevistas, relatos de profissionais da saúde, que cumulam vivência no atendimento às populações indígenas. O objetivo deste estudo é discutir a iniciativa de diferenciar o tratamento aos povos indígenas, trazendo à tona informações que corroboram para sustentar essa humanização do tratamento, validando os aspectos intrínsecos que fazem dos índios merecedores de respeito e dignidade. Espera-se com este estudo colaborar com o conhecimento e o diferenciamento dos índios, com o destaque das relações amistosas de interferência médica que agora ganha outro sentido, uma vez que os profissionais da saúde iam ao encontro dos pacientes nas aldeias, agora serão eles que virão, espontaneamente, ao encontro do sistema de saúde, com um ambiente que respeite sua condição de vida.

Palavras Chave: Indígena, COVID-19, cultura, humanização, tratamento.

ABSTRACT

In a country so plural and diversified by the ethnic composition of its people, the way of treatment given in the face of a simple situation, can mean respect or a break with someone's culture. Society tends to intertwine conditions that presupposes humanizing everyone, in an adjusted outline, designed to a standard. But cultural diversity, the roots of the construction of society highlight those, potentially equal, differ in their way of life, customs, beliefs and others. For the indigenous people who have been impacted by the presence of intruders who interfere with their way of life, who appropriate their environments, wealth, culture and life. The imposed situation that devastates the life structure of native peoples and the prospect of being seen as rights holders to be rescued by history, restores the desire to recover their dignity, a breath for their discontent in the face of abrupt intrusions, which attack their roots. In this study, which makes some considerations to the reality of the indigenous population of Amazonas, but directly to the indigenous people of Manaus and the metropolitan region, which discusses the project to install a wing of the Nilton Lins Hospital for the treatment of COVID-19 patients that belongs to some ethnicity or indigenous peoples. The applied methodology has a documentary character, encompassing elements of history, interviews, reports from health professionals, who combine experience in serving indigenous populations. The objective of this study is to discuss the initiative to differentiate the treatment of indigenous peoples, bringing up information that corroborates to support this humanization of treatment, validating the intrinsic aspects that make Indians worthy of respect and dignity. This study is expected to collaborate with the knowledge and differentiation of the Indians, with the highlight of the friendly relations of medical interference that now gains another meaning, since the health professionals went to meet the patients in the villages, now they will be the ones who they will come, spontaneously, to meet the health system, with an environment that respects their life condition.

Keywords: Indigenous, COVID-19, culture, humanization, treatment.

INTRODUÇÃO

De onde vem a diversidade cultural da população do Brasil? Quem foram os ancestrais que deixaram o legado para que o País se tornasse um ambiente diversificado com suas peculiaridades e identidades formuladas pela difusão da cultura? O compositor Emerson Maia (Garantido, 1995) na toada “ÍNDIO” descreve:

Eu sou um índio/ Sou um índio guerreiro/ Sou também feiticeiro/ Mas eu não quero guerra/ Quero a paz na terra/A selva pra caçar/ E o rio pra pescar/ Eu sou um índio/Pense nisso seu branco/ Já tiraste o encanto/ O esplendor da floresta/ Quase nada me resta/ Eu só quero viver/ Ver meu filho crescer/ Me deixe em paz seu moço/ Ou eu fico louco/ Respeite os limites pra manter minha nação/ Não preciso do seu saber/ Por que isso me faz sofrer/ Eu já tenho a beleza/ Da mãe natureza pra sobreviver. (Toada Boi Bumbá Garantido – Festival Folclórico de Parintins - 1995).

A poesia retrata o índio bradando por seu direito, não querendo modificar sua vida em função de um progresso que dizima suas raízes. As populações indígenas no Brasil, historicamente, foram massacradas e agredidas por sua forma de vida, seus costumes e crenças. A inserção de uma cultura forjada pela colonização portuguesa fez romper certos valores que caracterizam os povos por sua essência, esse extravio de valores torna a sociedade muito desigual e fragilizada pelas diferenças de tratamento, desrespeito aos direitos de ir e vir, principalmente das classes que menos se impõe, como é o caso dos indígenas.

Diegues (2019) ao se reportar sobre as desigualdades sociais, destaca que a diversidade e a identidade dos povos indígenas ainda que numa escala compassada, vem conquistando espaços pontuais de reflexão, retidos, ocasionalmente, por uma mantilha invisível, dando sobrevida aos preconceitos, que vão se efetivando na extensão dos discursos produzidos e pelas atitudes “normatizadas” da qual Foucault (1997) discorre que essas práticas conservadoras se revelam nas circunstâncias e expressões que intensificam as desigualdades, delegam privilégios e a sustentam a marginalização.

Este estudo destaca a importância da implementação da ala diferenciada do Hospital Nilton Lins destinada para tratamento dos indígenas que contraíram o Corona Vírus, cujo objetivo dessa seção é aprimorar o atendimento às populações indígenas, melhorando assim, a assistência à parcela da sociedade que causa preocupação pelas peculiaridades de sua

existência, permitindo aos indígenas, pacientes da COVID-19, o acesso a um espaço que possibilita, entre outras condições específicas, posicionar uma rede de dormir, espaço para exercícios espirituais entre outros. A disponibilidade de um setor estratégico para atendimento dos indígenas tem relevância, pois segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Amazonas é o estado brasileiro que possui a maior quantidade de indígenas, algo em torno de 183.514 indivíduos, desse quantitativo 70% vivem em aldeias, logo, existe um público bastante significativo que justifica a viabilidade da criação da ala diferenciada.

Assim, o estudo tece considerações sobre a necessidade de humanização do tratamento aos povos indígenas, destacando que não se trata de uma forma de subsidiar um privilégio, mas uma necessidade em favorecer um público diferente, demandado as condições específicas diferenciadas que os define, demonstrada por quem conhece a realidade das etnias e suas particularidades.

As abordagens se processam pela discussão sobre a construção histórica do tratamento aos indígenas, conversando com autores que tratam da identidade, da valorização dos costumes, crenças e misticismo, muito peculiar para os índios, traçando um estudo de caráter documental e bibliográfico, conciliando entrevistas, relatos e experiências reais vivenciadas por profissionais da saúde e áreas afins para subsidiar informações que sustentam que a criação do espaço tem relevância social e cultural, visto que em todo o Brasil, nesse período de cuidados com as populações mais vulneráveis a contrair a COVID-19 precisam ser vistas nas suas particularidades.

É esperado que a realização deste estudo concilie informações que possam esclarecer alguns pontos que são pertinentes a melhoria de tratamento às populações indígenas, e que subsidie novas oportunidades de discussão sobre o papel do índio na sociedade, suas características cultural, social e as implicações que a imposição da cultura ocasiona nas comunidades, nas etnias que vão se distanciando dos costumes e tradições, adentrando a mazelas como drogas, álcool, prostituição entre outros. A visibilidade de condições específicas para com os indígenas é uma luta antiga e quando oportunizada, deve ser tratada com respeito, responsabilidade e acima de tudo, duradoura, para não se tornar somente uma menção.

METODOLOGIA

Para o estudo da viabilidade da utilidade da implantação da ata especial para indígenas no Hospital Nilton Lins, foi feita pesquisa documental que segundo Souza (2019) é um tipo de pesquisa que enfatiza publicações em fontes diversificadas e dispersas que combinada com a pesquisa bibliográfica consegue transmitir informações concisas e consistentes.

As fontes de publicações podem vir de tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, filmes, documentos oficiais entre outros, consideradas fontes primárias e confrontada com a pesquisa bibliográfica, que utiliza fontes como livros, periódicos e outras fontes elaboradas e dispostos em plataformas com critérios específicos, que permitem levantar as discussões importantes acerca do tema voltado ao atendimento dos indígenas no sistema de saúde do Amazonas com determinada propriedade.

Nesse trabalho foi feita uma pré-análise do tema, com levantamento dos pontos importantes que respondem as questões pertinentes; foi organizado o material que subsidiou a interpretação dos dados, com a definição das categorias que definiram os objetivos do estudo, com a seleção da bibliografia para análise, destacando as informações com relevância para que seja feito o tratamento dos dados, que colaboraram com a condução das hipóteses casuísticas que permitiu analisar o caso da ala especial para atendimento dos indígenas do Amazonas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O surgimento da crise com a COVID-19 trouxe a sociedade sérias restrições no que tange aos cuidados com a vida, a sociedade passou a conviver com uma realidade, nunca experimentada, ocasionando o medo pela forma de contágio, o alto grau de letalidade e a falta de informação sobre as formas de enfrentamento da doença.

Castro (2020) destaca que foi em trinta de janeiro de 2020 que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a Epidemia pelo Novo Corona vírus (SARS-CoV2) como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. E o Brasil aos três de fevereiro de 2020 declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional por meio da Portaria do Ministério da Saúde (MS) Nº 188 que estabeleceu, também, o Centro de Controle de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-nCoV) como estrutura nacional da gestão coordenada da resposta à emergência no âmbito nacional.

As decisões foram tomadas em meio a uma infinidade de incertezas, uma vez que a doença se mostrou severa e muito perigosa devido sua forma de contágio, por outro lado, a sociedade ficou impactada pelas formas de ações impostas e o conflito de tomadas de decisão por parte das autoridades como créditos para a condução dos trabalhos.

Foi seguindo o Regulamento Sanitário Internacional, que o Ministério da Saúde (MS) do Brasil publicou um Plano de Contingência Nacional a COVID-19, essa doença que modificou a forma de comportamento social, cujo plano foi lançado no mês de fevereiro de 2020 com a definição do nível de resposta e a estrutura de direção apropriada, juntamente com essas determinações foi apresentado um protocolo para o manejo de casos suspeitos, denominado “*protocolo de tratamento do novo coronavírus 2019-ncov*”.

De acordo com Mehta (2020) Em 12 de março de 2020, a COVID-19 foi confirmada em 125. 048 pessoas em todo o mundo, com uma mortalidade de aproximadamente 3,7%, em comparação com uma taxa de mortalidade inferior a 1% por influenza. Esses dados sinalizaram para uma tomada de decisão acerca de tratamentos mais urgentes e eficazes.

A busca na atualidade está no desenvolvimento de novas terapias, inclusive os antivirais e vacinas, visto que, há evidências que sugerem que um subgrupo de pacientes com COVID-19 grave pode ter uma síndrome de tempestade de citocinas, dessa maneira os profissionais da saúde recomendam a identificação e o tratamento da hiper inflamação usando terapias aprovadas existentes, com perfis de segurança comprovados, para atender à necessidade imediata de reduzir o aumento da mortalidade.

A realidade frente ao Corona Vírus é muito incerta pois as formas de tratamento e de prevenção são muito volúveis e a doença tem apresentado comportamentos que extrapolam as pesquisas e as concepções das pesquisas e tratamentos. Cabe ressaltar, que a COVID-19, segundo Bay (2020) muitos dos pacientes em faixa etária diversa e características fisiológicas diferentes, por comportamento assintomático do vírus expande o risco de contaminação, uma vez que pessoas, potencialmente contaminadas, e sem sintomas passam a transitar entre outras pessoas, como no caso de Wuhan da China.

A sociedade por suas relações de muita proximidade, facilita o risco de contágio acentuado, e o isolamento social, segundo Bezerra (2020) se mostra a maneira mais adequada para controlar o número alarmante de contágio na população, mesmo que tal medida afete fortemente a economia, predisposição a conflitos familiares, desenvolvimento de patologias como depressão, síndrome do pânico e outras, mas ainda assim, é uma medida preventiva

eficaz, se obedecida com os critérios de higiene e limpeza. Mas, se o vírus chega e atinge povos que conservam costumes milenares, e cuja tradição sustenta a interação entre pessoas, que muitas das vezes não tem o discernimento da gravidade da doença e não tem hábitos de obedecer a recomendações.

Leão (2018) indica que Norbert Elias ao elaborar a teoria sobre os processos de civilização estudou os costumes das sociedades em oito séculos de história tendendo a compreender a transformação de comportamentos e das necessidades do controle e da proibição para o equilíbrio das forças que impulsionam os sistemas de relações sociais.

A receptividade de fatores que exigem mudanças em civilizações que preservam costumes e tradições são difíceis de assimilação e se torna um alvo preferencial para o acometimento da doença por um vírus mais difícil de tratar.

A comprovação entre os estreitos vínculos entre o processo civilizador individual e processo civilizador social observando um alto nível de diferenciação e especialização das funções. O processo de civilização, pela abordagem de Elias (1994) é composto pelos fluidos e refluxos da história que orienta, lentamente, a formação das estruturas individuais assim como as ações sociais, rumando para maior diferenciação dos vínculos entre os indivíduos da sociedade.

Historicamente, os índios nativos das regiões no mundo são atacados e forçados a se desprender de suas tradições, o que os obriga a se distanciar das cidades e migrar para regiões distantes, com isso por falta de opção são forçados a se adaptar a novas fontes de alimentos, em consequência da dificuldade de obter alimentos. A condição de migração natural dos índios, como nômades, se faz pela busca de alimentos.

À medida que situações, excepcionais, interferem na rotina da sociedade, ela tende a incorporar novas adaptações que faz uma fusão entre o tradicional e as novas exigências que são impostas por uma relação de crise.

Elias (1994) constituiu seus estudos baseando-se na “*civilidade pueril*”, que abordava concepções dos usos e apropriações do conceito de civilidade, adaptando as deformações para um modelo cuja razão de ser é a apreensão em um tempo longo da história, nessa vertente que elucida as tensões entre as invariantes sociológicas e a historicidade cultural sintetizada, onde as configurações históricas, “ universais de processos”, não cessam de mudar, mesmo que a tendência sejam uma interrelação modal de pessoa a pessoa.

Parafraseando com Elias se percebe que as mudanças são recorrentes da movimentação das pessoas, ou seja, é um processo contínuo e mutável, que vai se engembrando e construindo uma personificação social, onde há um juízo de poder muito grande, que tende a suprimir os mais fracos ou que não se dispõem a lutar.

Tavares (2018) descreve que o *poder*, por Foucault (2006) como a relação e práticas sociais historicamente criadas, e sua atenção voltada para a forma analítica do poder, que significa analisar as formas que esse poder pode tomar, ao ser exercido, as esferas em que ele penetra; os discursos que ele incentiva e os que ele deseja que não sejam incentivados; as estratégias de que ele se utiliza para se fazer sentir e para criar verdades sobre os indivíduos que ele penetra; enfim, o “como do poder”, as redes de relações que ele engendra. Poder sem um sujeito específico que se insere nas micro relações cotidianas.

A sociedade que tende a manter os costumes, as tradições são passivas desse poder exercido sobre si, muitas civilizações sucumbiram por não se integrar às formas de poder que foram impostas à sua forma de vida. Por isso se faz importante o conhecimento das causas, a relação de vivência e a maneira como os povos sobrevivem para interferir mais de forma passiva que não agrida ou desqualifique a essência das etnias.

Com essa perspectiva que o Hospital de Retaguarda Nilton Lins criou uma ala exclusiva para atendimento dos indígenas. A figura 1 traz o ambiente decorado com motivos indígenas para a receptividade, dando a eles a oportunidade de se sentir a vontade, valorizados e com o compromisso de um serviço de qualidade.

Figura 1- Detalhes da ala preparada para receptividade dos indígenas.

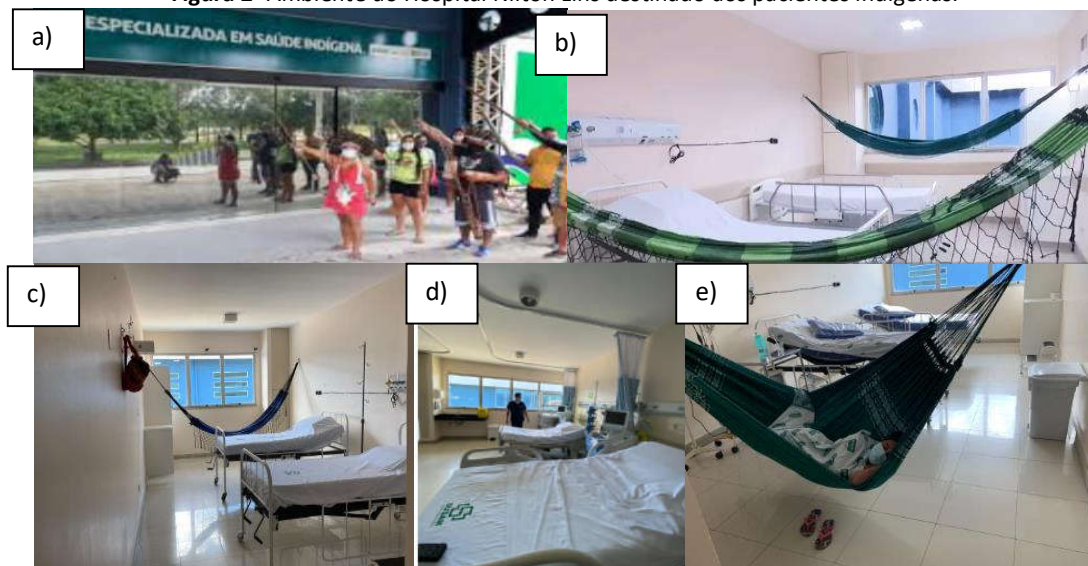


Fonte: Própria (2020).

A preocupação da equipe de planejamento das ações é fornecer um atendimento com certo grau de humanidade de modo que os pacientes se permitam interagir por espontaneidade que a proximidade com a equipe de saúde seja aconchegante, assim como eles recebem os profissionais em suas habitações.

A figura 2 destaca o ambiente hospitalar com adaptações para os indígenas, o que para alguns pode soar como facilitação demais, mas para a equipe de atuação e pesquisadores que acompanham o desenrolar das atividades, é uma forma de integração, uma forma de dizer ao indígena que ele tem seu lugar social e que deve ser olhado por sua essência.

Figura 2- Ambiente do Hospital Nilton Lins destinado aos pacientes indígenas.



Fonte: Próprio (2020).

A receptividade e a forma de tender a simular uma situação que adapta a vida do índio em sua aldeia, onde ele pode estender uma rede se sentindo confortável para o tratamento. A figura 2a mostra uma encenação dos indígenas como numa atividade tribal. Na figura 2b, assim como a 2c e 2d mostram a mesclagem do ambiente do hospital tradicional com as redes que na figura 2e destaca um paciente em seu momento de repouso.

Afinal, qual é a finalidade da criação dessa ala exclusiva para os indígenas? O Doutor Israelson Taveira Batista que é o médico responsável pelo setor responde a questionamentos sobre essa medida, o mesmo foi conduzido ao comando desse setor por ter vasta experiência

em saúde indígena. A figura 2 mostra o Médico responsável pela ala indígena tomando atitudes junto a equipe de trabalho para o atendimento humanizado para os indígenas. As orientações é para que a equipe de atendimento possa socializar as condições amistosas com os pacientes, que deve interferir, mas sem causar atrito, fazer com que os paciente se sintam acolhidos, mostrando que a recuperação deles é a prioridade e que é um novo momento, onde o índio vai ver que alguém, numa esfera maior vê sua contribuição na sociedade. Os indígenas são detentores de saberes que são repassados para as gerações e muitos dos hábitos e forma de vida do amazonense é reflexo da cultura indígena.

Figura 3- A equipe de trabalho em planejamento e ação dentro da ala.



Fonte: Próprio (2020)

É observado no detalhe que a equipe está toda parametrizada e focada nas atividades, sob o comando da equipe médica que é gerenciada pelo Doutor Israelson, detalhe na figura 3a fazendo a prescrição de informação para a auxiliar, na figura 3b, 3c e 3d os profissionais destacam que a equipe é concisa e apta para realizar as atividades com os indígenas.

Em questionamentos sobre a razão da existência da ala especial para indígenas, o Médico Israelson detalha um pouco de sua experiência em atendimentos às comunidades indígenas, assim ele descreveu a importância do atendimento diferenciado aos índios:

Eu vejo esse projeto, essa atitude com bons olhos, pois anteriormente íamos até a população, levávamos o atendimento preventivo a eles até mesmo de tratamento e agora estão invertendo o papel e, também mantendo a dignidade sem incidir diretamente nas suas culturas e seus costumes, abrindo uma ala, uma enfermaria, um hospital especializado para o tratamento dos indígenas, então isso eu vejo como um diferencial enorme com respeito, com hombridade a dignidade a essa população que devemos muito a eles. (Batista, entrevista, maio, 2020).

A seção destinada aos indígenas resguarda os valores que diferenciam suas práticas e forma de vida, destacando o valor das tradições, bem como mencionou Batista, o projeto faz o viés contrário, permite que o indígena chegue ao sistema de saúde, invertendo a dinâmica experimentada que o profissional da saúde visita a aldeia para levar saúde e bem estar às tribos.

Mendes (2018) Em 1999 descreve que foi através da Lei 9 836, que foi instituído o SASI, passando a gestão da saúde indígena para a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). O SASI tinha como missão instituir, no âmbito territorial indígena, a APS e a continuidade da assistência nos diferentes níveis de atenção, atendendo às especificidades de cada povo (o que incluía desde questões de cunho sociocultural até aspectos logísticos e epidemiológicos), respeitando seus saberes tradicionais e garantindo a participação e o controle social no processo de gestão.

Com relação a forma de vida, as doenças ocasionais, adaptabilidade, realidades e outros fatores que sobressaltam as características dos povos indígenas, Batista enfatiza alguns pontos de extrema relevância:

No percorrer desses anos, de trabalho com as etnias e atendimento às populações ribeirinhas e o povo indígena, a gente foi tendo contato com várias etnias e em Manaus existe um povo, uma comunidade onde nela vivem umas trinta e cinco etnias diferentes, no mesmo povoado, onde todos trabalham vivem com uma perfeita harmonia, em comunidade respeitando a cultura um do outro e, essa comunidade fica aqui em Manaus na região do Tarumã. O maior cuidado que se deve ter nesse trabalho é justamente o respeito principalmente, o respeito entre ambos, o respeito entre os profissionais, entre o relacionamento profissional indígena, profissional paciente, e olhar diferenciado, saber que é uma população que é diferenciada, que requer o máximo, o maior cuidado devido a suas peculiaridades, seus costumes suas crenças, principalmente, então interferir sem criar atrito, ajudar, tratar curar, sempre

que possível sem interferir nas culturas, manter a sua individualidade o máximo possível. (Batista, entrevista, maio, 2020).

Sabe-se que os povos que tem uma relação mais próxima com a natureza tem sua própria forma de cuidar de sua saúde, e a preocupação do médico quando diz que se deve interferir sem criar atritos, se refere a uma preocupação real, que historicamente vem sendo negligenciado aos índios, o respeito a sua cultura e crenças.

Garnelo (2018) e Brasil (2018) enfatizam que é grande o desafio que persiste na realização da diretriz que propõe a articulação entre as chamadas “medicinas tradicionais” e o sistema médico oficial pois as iniciativas oficiais de incorporação das práticas e saberes nativos resultaram na constituição de dispositivos de controle pelo Estado, com uma aparência essencialmente integracionista, e as propostas oficiais de uma atenção diferenciada parecem ser vistas como problemáticas pelos próprios gestores, e a própria racionalidade biomédica impede a flexibilização das ações em direção ao diálogo intercultural.

A construção de um espaço onde o índio possa deitar-se em sua rede, onde possa fazer suas orações e rituais é uma forma de respeito pela sua cultura, é uma valorização de suas capacidades, essa integração de saberes, o respeito às tradições indígenas fazem do projeto do Hospital Nilton Lins, uma ação única no Brasil, que tende a valorizar o índio pelas suas peculiaridades.

Batista acrescenta as características da condição de saúde indígena quando fala sobre aspectos pontuais e importante para garantir credibilidade na proposta do tratamento diferenciado e humanizado para os indígenas:

A população indígena e suas etnias, também são uma população que além de fragilizada, é uma população que tem uns diferenciais de saúde, uma população que muitos deles tem umas alterações genéticas diferenciadas, uma população mais imunossuprimida e que requer mais cuidados, o manejo medicamentoso e de evolução, o tratamento da doença dessa população tem que ser diferenciada devido seus acometimentos, pelos seus comportamentos, seus hábitos isso tudo altera seu organismo, é uma população que requer mais cuidado e atenção, um olhar diferenciado, um manejo diferenciado, principalmente no meio dessa pandemia do COVID-19, e que essa população algumas delas não se adaptam muito bem a certos medicamentos, certos medicamentos não dão certo, então tem que rever dose, rever medicamento, isso requer, realmente, um olhar e um cuidado diferenciado para essa população, porque muitos deles são acometidos de anemia, descaseias, alterações genéticas, então até mesmo às vezes, são acometidos de desnutrição, tanto proteica quanto calórica. Então, são pacientes que precisam realmente de um cuidado e de um olhar especial, um cuidado maior ainda na hora de inferir, de interferir, de introduzir certas condutas sem causar nenhum tipo de atrito, cultural entre os cuidadores e os cuidados e os que serão cuidados. (Batista, entrevista, maio, 2020).

Sousa (2020) destaca que uma Reforma Sanitária não é sustentável por si só, como reforma da sociedade, porque muitas questões demandam atenção, como colonização, genocídio e racismo. A colonização, forma de poder que delimitou a organização da modernidade, estabeleceu dentro de regimes de verdade e de autorizações que legitimam alguns indivíduos, instituições, saberes, falas e espécies, em detrimento de outras. A falta de clareza e a insuficiência das concepções de saúde, que são possíveis de serem construídas com os povos indígenas, promovem fragilidades na configuração institucional e no processo de gestão do SUS.

A fragilidade a respeito às políticas de atenção aos indígenas não é mais bem difundida por que não é de interesse da maioria e se arrasta em projetos que ficam nas mesas dos gabinetes, quando Dr. Israelson cita suas experiências ele destaca sua vontade, propriamente dita, que transpõe as competências médicas, o juízo de um cidadão engajado e preocupado com as etnias.

A saúde coletiva, atendimento à saúde comunitária ela nos fez aproximar-se dessa área, por ser uma área muito carente de profissional, um povo muito a beira da sociedade, em que não havia um olhar direcionado a essa população. Um povo muito sem dignidade e esse projeto vem, justamente para isso, para resgatar a dignidade desse povo, que era tão esquecido e vivia tão à margem da sociedade. (Batista, entrevista, maio, 2020).

Como se pode perceber a gravidade da ação do vírus causador da COVID-19, tomar todo cuidado e sempre manter o diálogo e tomada de decisão compartilhada, principalmente em relação a conscientização de uma das principais medidas que é o distanciamento social. A medicina tem trabalhado para romper os limites, assim como muitos outros segmentos da área da pesquisa que buscam soluções para a crise, mas a inclusão de políticas que dê tratamento específico a indígenas é sim uma forma de respeito. A figura 4 destaca o resultado de um tratamento diferenciado, com uma indígena recebendo alta médica após tratamento da COVID-19.

Figura 4- Paciente curada após tratamento em ala indígena no Hospital Nilton Lins.



Fonte: Governo do Amazonas/ 2020.

A estrutura do Hospital Nilton Lins oferece um tratamento diferenciado para os pacientes indígenas que já foram muito menosprezados pela sociedade, a maneira de dar mais humanidade aos indígenas, poderia vir a muito tempo, pois sempre os problemas que são específicos para essa classe de pessoas, que na maioria das vezes vivem à margem das políticas públicas, sobrevivendo em condições precárias, propensas a desenvolvimento de patologias que interagem com seus organismos fragilizados pela deficiência de nutrientes, oriundos do acesso a material industrializado que implicam com a forma de alimentação que fora acostumado, em decorrência da escassez de fontes alimentos e a proximidade dos produtos modificados causam impactos significativos na vida dessas comunidades e etnias.

CONCLUSÃO

Os indígenas são remanescentes de uma colonização que rompeu com os povos que habitavam as terras brasileiras por muito tempo. A sensibilidade dos povos da floresta, dos rios, nativos das regiões faz com que eles absorvam o melhor da natureza e transformem em ensinamentos. Há uma dívida cultural muito grande para com os filhos natos do Brasil, assim como todos nós somos construtores dessa nação que tende a se reconfigurar para se tornar mais sustentável. As lutas das etnias para reconhecimento e direitos à Terra, a saúde digna, a respeito a suas crenças e tradições ainda estão longe de serem efetivadas.

A sociedade usufrui das culturas herdadas, mas pouco valoriza o indígena, não é porque ele tem característica de vida própria que tem que ficar à margem da sociedade. As atitudes que sinalizam para o respeito à diversidade e agrega condições dignas de tratamento para os indígenas é um avanço a favor do reconhecimento de valor do índio na sociedade.

A sociedade amazonense vivencia um momento de diferenciação, mesmo tardiamente, de uma atitude que vê os povos indígenas com suas especificidades, delegando a eles a possibilidade de integração social, onde os governantes acionam os líderes indígenas para emoldurar uma possibilidade de acesso, que vão motivando novas formas de inserção social das mais variadas etnias da Amazônia.

A atitude de subsidiar condições específicas de tratamento a certas classes de indivíduos da sociedade pode criar uma tendência de grupos que se julgam diferenciados para reclamar acionamento de direitos, mas como sustenta os especialistas em saúde indígena, esses povos tem características específicas, em se tratando de saúde, por isso um tratamento diferenciado é necessário, mesclando a medicina tradicional com os avanços tecnológicos para trazer a intervenção sem causar largo impacto na vida dos indígenas.

É esperado com este estudo o reconhecimento de atitudes de identificação das características dos povos, sem que eles se sintam menosprezados pelas autoridades de saúde e outras formas de direitos constituídos. A tradição, a história decantam as angústias dos índios nas festas folclóricas, o índio não quer nada mais que ter o seu direito de viver, de poder escolher manter suas tradições e mitos. A Amazônia é vista por sua diversidade e riquezas sendo os indígenas parte integrante da essência da floresta que o mesmo vive em simbiose com ela e por exclusão tem no seu modo de vida isento de muitas patologias, que por ausência de contato não adquirem imunidade e quando, em contato com as civilizações são vulneráveis a vírus, bactérias e outras formas de infecção que causam danos severos.

REFERÊNCIAS

BAI, Y., Yao, L., Wei, T., Tian, F., Jin, DY, Chen, L., e Wang, M. (2020). **Presumida transmissão portadora assintomática de COVID-19.** *Jama*, **323** (14), 1406-1407.

BEZERRA, A., da Silva, C. E. M., Soares, F., & da Silva, J. A. M. **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19.** 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.** 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_saude_indigena.pdf> acessado em junho de 2020.

CASTRO, C. D. D., Medeiros, D., Ventura, D. G., Nunes, E. P., Assunção, G. G., Silva, M. B. T. D., & Neves, S. M. F. M. **Plano de Ação para Manejo de Casos de Infecção pelo novo Coronavírus (SARS-cov2) no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI)/Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ),** 2020.

DIEGUES, Anna Martha Tuttmann; DE SOUZA REIS, Maria Amélia Gomes; RAMOS, Marcos Andre Pinto. **Patrimônio, Memória e Identidade: Um Olhar para os Museus Indígenas Brasileiros.** In: *I Sebramus*, 2019.

ELIAS, N. **O processo civilizador.** Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b. v. 1.

ÉSTHER, Angelo Brigato. **A política de identidade do empreendedorismo: uma análise na perspectiva da sociologia figuracional e da psicologia social crítica.** Cadernos EBAPE. BR, v. 17, n. SPE, p. 857-870, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. (Organizado, introduzido e revisado tecnicamente por Roberto Machado.).

GARNELO L. **Política de Saúde Indígena no Brasil: notas sobre as tendências atuais do processo de implantação do subsistema de atenção à saúde.** Em: Garnelo L, Pontes AL, organizadores. *Saúde indígena: uma introdução ao tema.* Brasília: MEC-SECADI; 2012. Pp. 18–59.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a educação.** Autêntica, 2018.

MEHTA, P., McAuley, DF, Brown, M., Sanchez, E., Tattersall, RS, & Manson, JJ **COVID-19: considere síndromes de tempestade de citocinas e imunossupressão.** *The Lancet*, 395 (10229), 1033-1034, 2020.

MENDES, A. M., Leite, M. S., Langdon, E. J., & Grisotti, M. (2018). **O desafio da atenção primária na saúde indígena no Brasil.** *Revista Panamericana de Salud Pública*, 42, e184.

SOUSA, Maria Lidiany Tributino de. **Reforma Sanitária e outros olhares para a saúde indígena: relato de experiência com os Potyguara.** *Saúde em Debate*, v. 44, p. 275-284, 2020.

SOUZA, H. N., Trigueiro, K. F., Oliveira, A. B., Bernardes, M., Gomes, A. M. T., & Porto, F. **Imagem pública da enfermeira: pesquisa documental (1910-1920).** *Revista Enfermagem UERJ*, 27, 39281, 2019.

TAVARES, Davi Kiermes. **O poder como inspiração: Elias, Foucault e a educação escolar.** *Revista PINDORAMA*, v. 2, n. 02, p. 22-22, 2018.